



Mediação Intercultural: Comunicação, Cidadania e Desenvolvimento

Livro de Atas do III Congresso
Internacional RESMI 2021

Susana Pinto, Anabela Pereira,
Gillian Moreira, Maria Cristina Gomes,
Rosa Faneca (coords.)



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Ficha Técnica

Título

Mediação Intercultural: Comunicação, Cidadania e Desenvolvimento.

Livro de Atas do III Congresso Internacional RESMI 2021

Coordenação

Susana Pinto, Anabela Pereira, Gillian Moreira, Maria Cristina Gomes, Rosa Faneca

Capa, projeto gráfico e paginação

Joana Pereira

Editora

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Documentação, Informação Documental e Museologia

1ª edição – setembro 2022

e-ISBN: 978-972-789-798-8

DOI: <https://doi.org/10.48528/3g9y-hd88>



Os conteúdos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

© Autores. Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (CC BY 4.0)

Financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00194/2020 e UIDP/00194/2020.



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



dep
universidade de aveiro
departamento de educação e psicologia

cidtff
centro de investigação
Didática e Tecnologia
na Formação de Formadores



cilc
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas



ACM
ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES I.P.

RES MI

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| Agradecimentos | 5 |
| Comissão Científica | 7 |
| PREFÁCIO | 9 |
| Francisco Neves | |
| Internet facilitadora da mediação intercultural e da coesão virtual | 13 |
| Carlos Augusto Castanheira | |
| Mediação e comunicação interculturais com profissionais de saúde | 29 |
| Emília Coutinho, Eva Vallescar, Diana Palanca | |
| A diversidade cultural representada nos livros ilustrados: uma análise dentro do paradigma do pluralismo cultural | 55 |
| Gabrielly Sierra, Maria do Rosário Pinheiro | |
| Diálogos interculturais: reflexões em torno da integração internacional em duas instituições de ensino superior | 75 |
| Gillian Owen Moreira, Carla Susana Alem Abrantes | |
| A Mediação em diálogo com uma sociedade entre culturas: desafios à inclusão de (i)migrantes | 97 |
| Iva Maria da Costa Fernandes, Isabel Maria Torre Carvalho Viana | |
| Análise multidimensional sobre a experiência da integração de refugiados – a experiência da Cáritas Interparoquial de Castelo Branco | 119 |
| Maria de Fátima Santos, Cristina Pereira, Inês Carmo | |
| Um fervor que cura. Milagres e curas entre os giganos pentecostais | 137 |
| Miquel Fernández González | |
| A mediação intercultural como linguagem da educação cidadã: temas transversais a uma cultura de paz e ao diálogo intergeracional | 159 |
| Mónica Martins, Isabel C. Viana, Luís Jacob | |
| Mediação, desenvolvimento pessoal e cidadania: Um projeto com raparigas de etnia cigana | 179 |
| Rita Ribeiro, Ana Maria Costa e Silva | |
| Migrantes em Pedrógão Grande - do estrangeiro ao nós | 201 |
| Teresa Denis | |

Biblioteca humana:

mediação e desenvolvimento (inter)cultural no Concelho de Braga 219

Vinícius Ramos, Ana Maria Costa e Silva

Postácio

A Mediação Intercultural:

**a comunidade como contexto e suporte frente ao desafio de edificar
pontes entre margens assimétricas e suscetíveis de erosão 241**

Rosa Madeira

MEDIAÇÃO, DESENVOLVIMENTO PESSOAL E CIDADANIA: UM PROJETO COM RAPARIGAS DE ETNIA CIGANA

MEDIATION, PERSONAL DEVELOPMENT AND CITIZENSHIP: A PROJECT WITH GYPSY GIRLS

Rita Ribeiro

Instituto de Educação, Universidade do Minho
anaritar077@gmail.com

Ana Maria Costa e Silva

Instituto de Educação, CECS, Universidade do Minho
anasilva@ie.uminho.pt

Resumo: Este trabalho enquadra-se num projeto de investigação-ação que teve início em 2017 no âmbito de um protocolo entre o Instituto de Educação da Universidade do Minho e uma ONG internacional com implantação no concelho de Braga. A sua finalidade é fomentar o empoderamento pessoal e social das raparigas de etnia cigana, fortalecendo práticas potenciadoras do seu desenvolvimento pessoal e inclusão social. O projeto inscreve-se numa abordagem qualitativa e construtivista, assente no método de investigação-ação, e tem como objetivo de investigação identificar o contributo da mediação no empoderamento pessoal e social das crianças e jovens. Os principais objetivos de intervenção visam desenvolver competências pessoais, sociais e de mediação nas crianças e jovens e promover práticas potenciadoras do desenvolvimento pessoal, da cidadania e inclusão social.

De forma a concretizar os objetivos foram implementadas duas ações principais: i) a constituição de uma equipa de futebol feminino e ii) sessões de capacitação em competências pes-

soais e sociais. Estas duas atividades são articuladas e complementares com vista ao desenvolvimento da participação, da autoestima, da cooperação, da autonomia, da expressão e reconhecimento de sentimentos e emoções, do trabalho em equipa, da prevenção e resolução de conflitos. Os resultados evidenciam uma participação persistente de 11 meninas de etnia cigana com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos. Para além disso, o processo inerente à constituição da equipa de futebol e as sessões de capacitação promoveram comportamentos de participação crítica, de cooperação, de autonomia, espírito de iniciativa e motivação evidenciadas nos jogos de futebol e noutras situações do quotidiano.

Palavras-chave: mediação; inclusão social; competências pessoais e sociais.

Abstract: This work is part of an action-research project that began in 2017 under a protocol between the Institute of Education of the University of Minho and an international NGO established in the municipality of Braga. Its purpose is to foster the personal and social empowerment of Roma girls, strengthening practices that enhance their personal development and social inclusion. The project is part of a qualitative and constructivist approach, based on the action-research method, and its research objective is to identify the contribution of mediation to the personal and social empowerment of children and young people. The main intervention objectives aim to develop personal, social and mediation skills in children and young people and to promote practices that enhance personal development, citizenship and social inclusion.

In order to achieve the objectives, two main actions were implemented: i) the constitution of a women's football team and ii) training sessions in personal and social skills. These two activities are articulated and complementary with a view to developing participation, self-esteem, cooperation, autonomy, expression and recognition of feelings and emotions, teamwork, prevention and conflict resolution. The results show a persistent participation of 11 Roma girls aged between 10 and 16 years. In addition, the process inherent to the constitution of the football team and the training sessions promoted behaviors of critical participation, cooperation, autonomy, initiative and motivation evidenced in football matches and in other everyday situations.

Keywords: mediation; social inclusion; personal and social skills.

Introdução

A nossa sociedade encontra-se em ininterruptas mudanças, estas cada vez maiores e mais céleres, demarcadas pelas exigências políticas, económicas, sociais e/ou culturais. Estas transformações sempre estiveram presentes na nossa sociedade, mas na atualidade urge a necessidade de correspondermos com eficácia às exigências iminentes, onde sejamos capazes de (re)interpretar a realidade circundante e (re)criar novos desafios estabelecendo novas formas de intervir (Silva, 2018). Não obstante, através de novas formas de intervir, assiste-se a uma difusão do campo de intervenção da mediação, que acompanha e ajusta as suas práticas às evoluções da sociedade, regenerando mudanças significativas ao nível das relações sociais (Torremorell, 2008).

Neste texto apresentamos o trabalho realizado numa comunidade de pessoas de etnia cigana, particularmente com crianças e jovens do sexo feminino, com a finalidade do seu empoderamento pessoal e social, desenvolvendo práticas potenciadoras do seu desenvolvimento e inclusão social.

Este projeto, focou-se na compreensão da influência do contexto, da cultura e das interações sociais no processo de desenvolvimento, nomeadamente de 11 raparigas ciganas, permitindo identificar o contributo e o impacto da mediação, apostando no desenvolvimento de competências pessoais e de inclusão social.

Tendo em conta a panóplia de metodologias existentes, privilegiou-se adotar uma metodologia que correspondesse de forma íntegra à motivação e aos interesses das intervenientes e que efetivamente ajudasse a responder às motivações das participantes e colmatar algumas das suas necessidades, utilizando como estratégia a prática desportiva. Nesse sentido, foram implementadas duas ações principais: i) a constituição de uma equipa de futebol feminino e ii) sessões de capacitação em competências pessoais e sociais. Estas duas ações articuladas e complementares, conforme resultados identificados posteriormente, permitiram desenvolver um conjunto de capacidades e habilidades fundamentais, como a autoestima, a expressão e reconhecimento de sentimentos e emoções, a capacidade de ouvir e respeitar a opinião dos outros, a comunicação, a tomada de decisões, a participação, a cooperação, a autonomia, o trabalho em equipa, a criatividade, o sentido de compromisso, a responsabilidade, a prevenção e resolução de conflitos.

A conceção e implementação deste projeto esteve associada aos objetivos do projeto mais amplo onde estava inserido, nomeadamente um projeto financiado pelo Programa Escolhas da sexta geração. Este

projeto em concreto é destinado às crianças e jovens de etnia cigana de um Bairro Social do concelho de Braga. Este bairro contava com 485 habitantes, dos quais 332 eram de etnia cigana, sendo que este número apresenta uma elevada população jovem, especificamente 249 jovens, dos quais 94 possuem menos de 30 anos e 155 são menores de idade (diagnóstico do Projeto financiado pelo Programa Escolhas).

Esta comunidade integra uma elevada percentagem de população jovem com baixo índice de escolaridade. Nas conversas informais que tivemos com encarregados de educação e diferentes agentes de intervenção identificamos que embora as famílias outorguem relevância à escola ao nível do elóquio, verifica-se que a mesma ainda não a incorporou integralmente nos seus hábitos, dado que se constata que as famílias detêm pouca informação e são pouco esclarecidas no que diz respeito aos principais comportamentos (educação, saúde...) a ter para o desenvolvimento integral dos jovens.

A cultura e as tradições de etnia cigana influenciam o desenvolvimento holístico das crianças, primordialmente no sexo feminino, devido ao casamento precoce e, conseqüentemente, constituírem famílias muito cedo desincentivando a continuidade dos estudos e a sua disponibilidade para integrar ações de formação.

As crianças e jovens sinalizadas no âmbito do Projeto Escolhas, de acordo com o diagnóstico realizado no âmbito do mesmo, apresentam fatores explícitos de risco e exclusão social, no que diz respeito: ao absentismo escolar; ao insucesso escolar; ao abandono escolar precoce; às baixas competências escolares, profissionais e softskills; ao desemprego NEET (Not in Education, Employment, or Training); à falta de hábitos de higiene, alimentação e sono; fechamento da comunidade em si própria, limitada a relações estabelecidas dentro do Bairro; dificuldades económicas e recurso à economia paralela e falta de informação/compreensão por parte dos serviços de apoio, públicos e privados, face à cultura cigana.

As crianças e jovens desta comunidade estão fundamentalmente repartidas por quatro escolas do concelho (três do 1º Ciclo de Escolaridade e uma do 2º e 3º Ciclo de Escolaridade). Através de uma auscultação de necessidades pormenorizada no seio do projeto nas distintas atividades que o mesmo comporta e no seio das quatro escolas anteriormente mencionadas, surge a necessidade de se focar a intervenção junto de um grupo específico de raparigas que apresentava taxas de absentismo escolar, dificuldades de interação social, na escola e na comunidade, mas que simultaneamente gostavam de praticar desporto, nomeadamente o futebol feminino, sendo este um fator diferenciador que poderia trazer benefícios e ser uma oportunidade que permitisse responder

a alguns desafios com uma ferramenta educacional que, aliada à mediação educacional, possibilitasse o empoderamento e autonomia destas raparigas.

O intuito de trabalhar diretamente com este grupo de raparigas prendeu-se com o fato de esta intervenção poder ser um reforço, um incentivo e um suporte para, por um lado, permitir combater o insucesso escolar e, por outro lado, empoderá-las e autonomizá-las para que elas próprias consigam integrar-se socialmente.

Um perscrutar sobre a Mediação Socioeducativa e Intercultural

A temática em evidência aqui apresentada dá particular ênfase à mediação como uma metodologia de empoderamento pessoal e social e de inclusão social. Mas, afinal de que é que se fala, quando falamos em mediação? A mediação é um processo capaz de prevenir e regenerar os conflitos, transformando-os em acontecimentos enriquecedores e construtivos para todos os intervenientes envolvidos no mesmo, contribuindo assim, para

“a construção de uma cultura de participação promotora da cidadania e de um desenvolvimento social mais harmonioso” (Freire, 2009, p. 41).

Ao fomentar-se uma cultura de participação, simultaneamente colabora-se para a emancipação dos indivíduos, para a (re)construção dos laços sociais e para a regularização da coesão social pois, conforme refere Silva (2012, p. 2), o foco da mediação é “educar para a cidadania, autonomia e empoderamento”.

A mediação é um processo social e educacional, em qualquer dos âmbitos em que é praticada, constituindo-se como uma cultura de mudança social (Torremorell, 2008) que tem como função última promover a comunicação, o diálogo e o entendimento entre as pessoas, objetivo este que traz consigo diversas outras qualidades. É a partir destes pressupostos que a implementação das ações desenvolvidas assume a sua especificidade no âmbito da intervenção, nomeadamente numa perspetiva preventiva e criativa (Guillaume-Hofnung, 1995), possibilitando e estimulando a regeneração de um diálogo construtivista, dialógico e emancipador, favorecendo as relações interpessoais e a idoneidade de tomar decisões de forma assertiva e autónoma, extrapolando uma ótica individualista focada no “eu” para uma ótica coletiva focada no “eu” e no “nós”.

Com o intuito de fomentar o empoderamento pessoal e social das meninas de etnia cigana, através de práticas potenciadoras do seu desenvolvimento pessoal e inclusão social, delineou-se uma estratégia alicerçada na interação, na cooperação e na comunicação, sustentada pelo respeito e confiança mútua, dando, assim, primazia à mediação intercultural numa vertente socioeducativa. A intervenção enquadra-se, por um lado, na mediação socioeducativa, dado que assume vertentes educativas, pedagógicas e sociais (Silva, Caetano, Freire, Moreira, Freire & Ferreira, 2010). Esta tem como primordial intuito proporcionar um desenvolvimento integral das intervenientes, dotando-as de capacidades transversais e singulares, acreditando e estimulando as potencialidades individuais de cada uma, ajudando-as a refletir, aprender e a ser críticas relativamente ao seu papel individual na integração na sociedade. Por outro lado, assume características da mediação intercultural, na medida em que desenvolve práticas potenciadoras do desenvolvimento pessoal e inclusão social e potencia a interação com outras culturas e a inclusão social das crianças e jovens ciganas.

Segundo Giménez (1997), a mediação intercultural é

“una modalidad de intervención de terceras partes, en y sobre situaciones sociales de multiculturalidad significativa, orientada hacia la consecución del reconocimiento del Otro y el acercamiento de las partes, la comunicación y comprensión mutua, el aprendizaje y desarrollo de la convivencia, la regulación de conflictos y la adecuación institucional, entre actores sociales o institucionales etnoculturalmente diferenciados” (p. 142).

É através dos princípios e métodos da mediação que esta contribui para promover e favorecer uma interpretação cultural da mediação tornando-a

“um projecto coletivo da humanidade ou, melhor dizendo, com a humanidade” (Torremorrell, 2008, p. 86).

É com base nesta premissa, que se desenvolveu uma intervenção com as intervenientes, focada na valorização da sua identidade (respeitando as suas características, motivações e particularidades), procurando estabelecer o vínculo da comunicação através do conhecimento e para o conhecimento, sustentado pela compreensão e interpretação dos processos culturais, minimizando assim as possíveis falhas de comunicação e de interação, abrindo espaço para promover o diálogo intercultural.

É através da aproximação e da interação entre a cultura cigana e a cultura majoritária, que se conseguiu desconstruir estereótipos ou preconceitos enraizados, estabelecendo pontes de comunicação e compreensão de uma cultura comum, enriquecendo-se mutuamente.

Uma visão sobre a prática desportiva como ferramenta educacional

O desporto não se restringe meramente numa palavra, nem se circunscreve unicamente num conceito demarcado e delimitado no espaço e no tempo. Atualmente, o desporto adquiriu na sociedade um novo olhar e uma nova forma de interpretação, bem como alcançou importância na sua aplicabilidade, podendo este ser facilmente adaptado e inserido nos diferentes contextos com finalidades específicas e ajustáveis às características iminentes do público-alvo. Como exemplos referem-se os jogos adaptados a características físico-motoras e/ou psíquicas (veja-se o exemplo dos jogos paralímpicos), assim como a grande diversidade de 'escolinhas de futebol', federadas e não federadas, que acolhem um grande número de adesões de crianças e jovens. Neste sentido, constatamos que a prática desportiva expandiu os seus horizontes, não se evidenciando unicamente na saúde e no bem-estar físico e psicológico das pessoas, mas começou a ganhar novos contornos nas realidades existentes, dando particular ênfase à finalidade educativa e de inclusão social. O desporto, aliado à educação, é uma ferramenta poderosíssima de integração e de inclusão social, bem como uma peça fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos jovens e um bom impulsionador do sucesso escolar (Pacheco, 2001).

É a partir desta perspetiva que a mediação socioeducativa pode trazer benefícios e perspicácia estratégica, uma vez que a mesma facilita o processo de empoderamento e autonomização, sendo uma metodologia impulsionadora da coesão social (Bonafé-Schmitt, 2009). É sobre esta resposta, que importa refletir, sobretudo quando esta requer que o mediador utilize a prática desportiva como uma ferramenta educacional promotora de aprendizagens fundamentais, se assuma e adapte às características peculiares dos intervenientes e às responsabilidades que lhe são determinadas, com o intuito de fomentar o empoderamento pessoal e social das raparigas de etnia cigana, desenvolvendo práticas potenciadoras do seu desenvolvimento pessoal e inclusão social.

Metodologia

Enquadramento

Uma investigação é um processo que exige uma procura contínua, através da qual tentamos descodificar realidades, ainda que fragmentadas, mas realidades existentes, definidas por diversas ideologias. Uma investigação é "algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica" (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 31).

Temos consciência e convicção de que concretizar uma intervenção-investigação na área das ciências sociais e humanas, não é um trabalho estanque, mas sim um processo contínuo de aprendizagem, marcado pelos sucessivos reajustes e reconstruções, onde se adotam e adaptam novas práticas às realidades subjacentes e, conseqüentemente, se avaliam as mesmas. Assim sendo, os conhecimentos que detemos e vamos consolidando ao longo da vida constroem-se e reconstroem-se com base em "quadros teóricos e metodológicos explícitos, lentamente elaborados, que constituem um campo pelo menos parcialmente estruturado, e esses conhecimentos são apoiados por uma observação dos factos concretos" (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 20).

Neste sentido, o trabalho desenvolvido tem por base o paradigma qualitativo e construtivista de intervenção-investigação, onde a teoria e a prática se interrelacionam entre si, focando-se numa investigação-ação. Foi importante e necessário conduzir uma prática que suportasse a individualidade de cada ser humano e a capacidade do mesmo de construir os seus próprios conhecimentos e, como consequência, a realidade em que vive. Esta conceção reforça os desígnios do trabalho desenvolvido, uma vez que tendo como finalidade o empoderamento pessoal e social das raparigas de etnia cigana, desenvolvendo práticas potenciadoras do seu desenvolvimento pessoal e inclusão social, intenciona-se que as mesmas, atendendo às suas particularidades específicas e conciliando com a sua motivação intrínseca, nomeadamente o futebol, se desenvolvessem positivamente com ênfase ao nível do seu desenvolvimento pessoal e social.

Neste contexto específico, utilizar a prática desportiva como uma ferramenta educacional por si só, já pressupõe um desenvolvimento holístico. No entanto, vale ressaltar que utilizar a prática desportiva aliada à mediação socioeducativa é uma poderosa ferramenta para o empoderamento pessoal e a inclusão social, visto que esta

pressupõe ao longo de todo o processo de desenvolvimento que as intervenientes adotem uma postura ativa, dinâmica e reflexiva, com a intencionalidade última de modificar, transformar e potenciar o contexto e as pessoas nele inseridas.

Objetivos de investigação e intervenção

Conforme foi referido anteriormente, o trabalho desenvolvido teve como finalidade fomentar o empoderamento pessoal e social das raparigas de etnia cigana, desenvolvendo práticas potenciadoras do seu desenvolvimento pessoal e inclusão social, tendo para tal sido definidos vários objetivos – de investigação e de intervenção - que se apresentam em seguida.

Foram considerados os seguintes objetivos de investigação: i) conhecer a cultura de etnia-cigana e ii) identificar o contributo da mediação no empoderamento pessoal e social das crianças e jovens.

Os objetivos gerais de intervenção focaram-se em: a) desenvolver competências pessoais e sociais; b) desenvolver competências de mediação; c) desenvolver práticas potenciadoras do desenvolvimento pessoal e inclusão social e d) potenciar a inclusão social. Para a concretização dos vários objetivos gerais definiram-se vários objetivos específicos, nomeadamente: desenvolver competências de autoestima; reconhecer e valorizar a sua individualidade e individualidade dos outros; (re)conhecer sentimentos e emoções próprias e dos outros; aprender a trabalhar em equipa; aprender a respeitar o outro; aprender a cooperar; desenvolver competências de comunicação e assertividade; promover competências de autorregulação e corresponsabilidade; realizar treinos de futebol semanais; realizar jogos inter-equipas; aprender e desenvolver hábitos de estudo; partilhar experiências com pessoas representativas do futebol feminino; desenvolver a integração com colegas e professores na escola.

Participantes

A intervenção foi delineada para um grupo específico de jovens, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, a frequentar o 5º, 6º e o 7º ano de escolaridade. Esta intervenção abrangeu um grupo de 11 raparigas, sendo que a definição do mesmo obedeceu e respeitou a auscultação de necessidades e a voluntariedade das mesmas para participarem nas ações desenvolvidas. Através do diagnóstico de necessidades (realizado através da observação

direta, das conversas informais com as participantes e seus encarregados de educação e reuniões com profissionais do projeto e da escola) foram sinalizadas várias problemáticas análogas a todas as intervenientes tais como: dificuldades em gerir emoções, baixa autoestima, desmotivação, dificuldades de trabalho em equipa, falta de cooperação, falta de responsabilidade, falta de compromisso e pouca autonomia.

Paralelamente, as intervenientes demonstravam pouco interesse pela escola, tinham maus hábitos de sono e alimentação, não desenvolviam práticas de estudo e apresentavam extremas dificuldades em cumprir as regras estabelecidas dentro e fora da sala de aula. Estes indicadores contribuía para cimentar o insucesso escolar, mais concretamente no que diz respeito aos resultados escolares.

Conceção e implementação das estratégias e ações

O diagnóstico de necessidades e motivações orientou a intervenção, no sentido de serem privilegiadas duas ações principais que se articulam e complementam ao longo de todo o processo e que, simultaneamente, fossem relevantes para as intervenientes e respondessem aos objetivos visados, sendo elas: i) a constituição de uma equipa de futebol feminino e ii) sessões de capacitação em competências pessoais e sociais.

Na constituição da equipa de futebol feminino, as interlocutoras diretas assumiram um papel ativo e reflexivo no processo de construção e identidade da própria equipa. Partindo das características pessoais/culturais das interlocutoras, das conceções e das experiências vivenciadas, alinharam-se as ideias a desenvolver na mesma e estruturaram conjuntamente a construção da imagem da equipa que lhes conferia a sua identidade própria, enquanto grupo e enquanto equipa de futebol feminino. Inicialmente, começaram por definir o nome da equipa, que procurasse exprimir e traduzir o significado da mesma, elegendo o nome BIG POWERS (em português, significa 'As Poderosas'), que simboliza o poder da mudança. Isto é, o poder da mudança encontra-se nas mãos de cada uma e esta só acontece se as mesmas se dedicarem, esforçarem de forma a desenvolverem-se holisticamente, cabendo a cada uma delas ser a chave da mudança que há em si mesma e juntas poderem ser e marcar a diferença enquanto grupo.

Posteriormente, procurou-se construir uma imagem que conseguisse expressar o significado do nome que elegeram, os princípios/valores, a diversidade e pluralidade de culturas e, paralelamente,

as potencialidades da equipa. Assim, pensaram num logótipo que transmitisse a ideia de união e de mudança.

Após várias propostas, optaram pela imagem registada abaixo, dado considerarem que a mesma refletia o conjunto das ideias e da mensagem que queriam transmitir no interior da equipa e à comunidade em geral. O coração simboliza a união, o amor e a amizade. As mãos emblemam a mudança. O mundo significa a diversidade e a pluralidade de culturas e contextos. E, por fim, a chave simboliza o poder de cada uma de gerar mudança, o poder de (re)construírem e fortalecerem a sua própria identidade.



Figura 1: Logótipo das BIG POWERS

Para a implementação da segunda ação, as sessões de capacitação em competências pessoais e sociais, exigiu a criação de um programa de desenvolvimento de competências que se denominou de "Programa - Capacitar em Competências Pessoais e Sociais" (Ribeiro, 2021). Este Programa apresenta-se como uma proposta para o desenvolvimento de competências de prevenção e resolução de conflitos, de saber estar, saber ouvir e saber falar, de participação, de cooperação, de autonomia, de comunicação e assertividade, de expressão e reconhecimento de sentimentos e emoções, potenciando o empoderamento e a autonomização das intervenientes a nível pessoal e social. O Programa foi construído pelas autoras do texto, ao longo da intervenção e em função do feedback das participantes nas sessões: reações face a determinados assuntos abordados e outros temas emergentes a partir desses assuntos; aprofundamento de temas que suscitaram reações e interesse por parte das participantes; situações específicas que ocorriam ao longo dos treinos de futebol

e precisavam ser analisadas em conjunto; interrogações e propostas que as participantes traziam para serem trabalhadas. Embora os objetivos estivessem definidos previamente os temas e as estratégias foram flexíveis e selecionadas face a situações e temas emergentes.

O Programa tem como principais objetivos: desenvolver competências de saber estar, saber ouvir e saber falar; desenvolver competências de comunicação e assertividade; desenvolver competências de autoestima; desenvolver competências de reconhecer e valorizar a sua individualidade e a dos outros; desenvolver competências de (re)conhecer e lidar com os sentimentos e emoções próprias e dos outros; desenvolver competências de empatia; promover competências de autorregulação e corresponsabilidade; promover estratégias de interação entre os diferentes intervenientes (Ribeiro, 2021).

Este Programa contemplou dez sessões, que foram implementadas ao longo de 5 meses. Cada sessão teve uma duração variável de 60 a 90 minutos, sendo que as mesmas foram organizadas em torno de temáticas específicas: autoestima; sentimentos/emoções; empatia; o comportamento na relação com os outros; a comunicação; tomada de decisão e avaliação.

A estrutura deste Programa caracteriza-se pelo seu carácter dinâmico, flexível e ajustado às características e particularidades das intervenientes no processo, onde as mesmas adquirem o papel principal e protagonizam o fio condutor de todo o processo.

Instrumentos de avaliação e supervisão

Ao longo de todo o processo de investigação-intervenção foram definidos instrumentos de avaliação e (auto)supervisão possibilitando uma análise e reflexão contínua do trabalho realizado, permitindo beneficiar de uma "(...) visão de qualidade, inteligente, responsável, experiencial, acolhedora, empática; serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que passará depois, ou seja, de quem entra no processo para o compreender por fora e por dentro" (Alarcão, 1996, p.47).

É através desta visão que se focou a intervenção, privilegiando uma ação capaz de gerar sementes, e que as mesmas lentamente fossem capazes de se produzir e replicar, possibilitando uma transformação social e, ao mesmo tempo, promovendo uma mudança relacional.

Ao longo de todo o processo de investigação-ação recorreu-se ao diário de bordo, sendo este um instrumento chave durante a intervenção, dado que permitiu, semanalmente, registar, analisar, refletir e reajustar as estratégias, possibilitando melhorar a prática e exercer

uma intervenção mais consistente e pertinente. No final de cada atividade, recorreu-se também aos registos individuais, que permitiam retirar algumas observações específicas sobre as intervenientes e fazer um registo permanente da evolução de cada uma; aos registos de presença nas atividades que permitiram registar o número de participantes em cada atividade e, paralelamente, analisar a participação e o envolvimento das intervenientes, tendo em conta o seu carácter voluntário; as grelhas de observação da atividade que permitiram aferir a responsabilidade e o cumprimento das normas e regras e, simultaneamente, retirar inferências ao nível comportamental e atitudinal das intervenientes; as grelhas de auto-supervisão da mediadora que permitiam registar, analisar e refletir sobre o nosso comportamento discursivo e retirar algumas ilações para atividades futuras; e, por fim, os registos audiovisuais, que possibilitaram registar e captar a essência de momentos vivenciados em diferentes situações da intervenção.

Nesta linha, com a utilização destes instrumentos de monitorização do trabalho pretendeu-se averiguar os resultados e o impacto do mesmo. É neste contexto que a avaliação ganha efetivamente contornos explícitos e evidência. No ponto seguinte serão apresentados alguns dos resultados da intervenção recolhidos através dos instrumentos de avaliação antes referidos.

Apresentação e discussão dos resultados

Este ponto focar-se-á nas aprendizagens conseguidas recorrendo: 1) à análise das apreciações escritas que as participantes eram convidadas a redigir no final de cada sessão, focando-se em três itens: i) o que mais gostei da sessão; ii) o que menos gostei da sessão e iii) o que aprendi; 2) à construção da árvore das aprendizagens, onde as intervenientes foram convidadas a debater e registar individualmente um conceito/aprendizagem que se destacou ao longo das sessões; 3) à construção de um mundo gigante, onde as intervenientes foram convidadas a registar em palavras o que significou para elas esta experiência; e, por fim, 4) ao inquérito por entrevista, que serviu para auscultar o impacto do trabalho desenvolvido ao longo de todo o processo.

Apropriação da intervenção e o impacto da mesma

O feedback facultado pelas intervenientes diretas ao longo de todo o processo foi bastante positivo, permitindo ao longo do tempo construir uma relação alicerçada na confiança e no respeito mútuo,

sendo estes pontos indicadores fundamentais durante todo o processo de intervenção. Através destes indicadores, foi possível delinear uma intervenção que correspondesse, efetivamente, às necessidades expressas das intervenientes auscultadas, a partir de uma análise de diagnóstico inicial e contínua. Este facto permitiu construir uma intervenção que colmatasse as necessidades expressas pelas intervenientes e, ao mesmo tempo, usufrísse da motivação que as caracterizava e identificava. Refletindo sobre esta questão, considera-se que esta foi a peça chave e diferenciadora do sucesso da intervenção levada a cabo, dado que permitiu estabelecer um equilíbrio e uma articulação entre as necessidades e as motivações das intervenientes.

O facto de a intervenção possuir um fio condutor ao longo da intervenção, apostando numa intervenção de cariz dinâmico, flexível e ajustável às características das participantes, reforçou e intensificou os momentos de partilha, de reflexão e de introspeção. Os comentários seguintes são indicadores que comprovam o impacto do trabalho desenvolvido:

“a Rita trouxe uma abordagem diferente e uma forma diferente de trabalhar com as nossas crianças e jovens que apresentam maior número de fatores de risco, especialmente com as meninas, e que teve bastante sucesso... uma participação bastante rica para nós (projeto), mas primordialmente para as nossas crianças e jovens” (Técnica do Projeto E.6G, excerto retirado das notas de campo, 30 de maio de 2018)

“a forma de trabalho teve um impacto a meu ver bastante positivo” (Acompanhante de Estágio, excerto retirado da entrevista, 25 de julho de 2018)

“teve um impacto bastante elevado, quer nas perspetivas pessoais das miúdas quer também na perspetiva escolar” (Monitora do Projeto E.6G, excerto retirado da entrevista, 11 de junho de 2018).

Participação, responsabilidade e compromisso

Ao longo da implementação da intervenção pode-se verificar que o feedback recebido era bastante favorável:

“Adorei o treino hoje”, “Quando temos sessão outra vez?”, “o futebol é o meu refúgio, faz-me bem”, “achas que podíamos ter duas vezes por semana futebol, em vez de uma” (excertos retirados dos registos individuais).

Estas incitações foram sendo mais explícitas e sistemáticas à medida que a intervenção se ia cimentando, favorecendo um progressivo interesse e motivação por parte das intervenientes.

Embora toda a intervenção fosse de cariz facultativo e voluntário (treinos, jogos e sessões), as participantes demonstravam vontade e satisfação em participar de forma ativa e regular, onde as mesmas se sentiam envolvidas e elas próprias se envolviam no processo de construção da equipa, conseguindo desenvolver o sentido de identidade da mesma. Este envolvimento possibilitou que percebessem a importância que cada uma tem na equipa e que a sua ausência nos treinos e nas sessões prejudicaria cada uma e toda a equipa. Através deste facto, foi possível trabalhar o sentido de compromisso e responsabilidade, facto muito reconhecido pelos profissionais e voluntários do projeto, conforme se salienta nas citações que se seguem:

“participaram de uma forma ativa, regular, todas as semanas e as faltas eram mais pontuais e, portanto, da parte das jovens, ter este compromisso, esta responsabilidade, de naquele dia, de naquela hora marcada comparecerem e criarem este sentido de identidade que conseguiram criar entre elas na equipa de futebol foi um passo importante, verificando-se depois a outros domínios” (Coordenadora do Projeto E.6G, excerto retirado da entrevista, 11 de junho de 2018)

“eu acho que a equipa mudou o sentido de responsabilidade e a disciplina das meninas, que na altura eu fazia parte das atividades com elas, marcava uma hora e apareciam meia hora depois ou não apareciam” (Dinamizador Comunitário do Projeto E.6G, excerto retirado dos registos audiovisuais, 6 de junho de 2018)

“o que consegui observar nas miúdas ao longo do tempo foi uma mudança comportamental, elas desenvolveram algum sentido de responsabilidade, desenvolveram uma noção de compromisso, foram-se comprometendo com a equipa, desenvolveram o seu próprio espírito de equipa” (Voluntária do Projeto E.6G, excerto retirado da entrevista, 12 de junho de 2018).

Desenvolvimento de competências pessoais e sociais e inclusão social

A curto prazo, os objetivos delineados iam sendo gradualmente cumpridos pelas intervenientes no processo. No decurso da interven-

ção, pode-se constatar mudanças importantes ao nível atitudinal e comportamental das intervenientes.

Este grupo específico caracterizava-se pela sua frágil capacidade de responsabilidade, compromisso e participação sendo muito exigente realizar atividades regulares; as jovens demonstravam uma enorme curiosidade pela novidade, mas rapidamente essa motivação desvanecia e não havia nada que as prendesse ou cativasse. No entanto, com o decurso desta intervenção constatou-se progressos significativos face a estas características, visto que, gradualmente, as mesmas estavam mais motivadas, a sua participação nas atividades era constante e regular, apresentando maior motivação e necessidade de se envolverem em todo o processo, preocupando-se em assumir os seus compromissos, sendo capazes de se organizar e tomar decisões em prol do objetivo comum (o futebol). Esta evolução no comportamento das jovens foi também reconhecida pela Monitora do Projeto E.6G:

“conseguieste trabalhar extremamente bem a motivação e a capacidade de as miúdas perceberem que todas as decisões que elas tomem têm sempre uma consequência e um impacto quer na vida delas, quer na vida dos outros” (excerto retirado da entrevista, 11 de junho de 2018).

Concluímos, deste modo, que partir da motivação comum, nomeadamente o futebol, ao utilizá-lo como uma estratégia de empoderamento e autonomização das intervenientes foi a estratégia diferenciadora em todo o processo de intervenção, uma vez que estavam motivadas, difundiram comportamentos de participação crítica e capacidade de iniciativa.

Ao longo da intervenção, verificou-se que as jovens constituíram o próprio espírito de equipa, potenciando a coesão do grupo e favorecendo a interação positiva entre as mesmas. Reconheceram a importância de dialogar, de exteriorizar a sua opinião e de escutar a opinião dos outros, expressando a importância de se colocarem no lugar do outro. Desenvolveram a capacidade crítica, sendo capazes de formular questões e debater acerca das mesmas, bem como desenvolveram a capacidade de serem autocríticas sobre elas próprias ou sobre comportamentos dos outros face às mesmas ou aos outros. Desenvolveram a capacidade de trabalhar em equipa, de cooperar, de se ajudarem mutuamente para atingir um objetivo comum. Reconheceram a importância de valorizar a sua individualidade e a dos outros. Observou-se uma preocupação constante em (re)conhecerem e valorizarem os próprios sentimentos e emoções. Os comentários seguintes são indicadores da intervenção desenvol-

vida, assinalando a satisfação das intervenientes assim como das aprendizagens efetuadas:

“no futebol aprendi a colocar-me no lugar dos outros, aprendi a saber falar e ouvir no momento certo e uma coisa muito importante aprender com os erros” (Laura, excerto retirado dos registos audiovisuais, 1 de junho de 2018)

“com o futebol aprendi a nunca desistir logo à primeira, a valorizar o meu trabalho e dos outros e valorizar-me a mim tanto como pessoa ou jogadora” (Natália, excerto retirado dos registos audiovisuais, 1 de junho de 2018)

“no futebol aprendi a controlar os sentimentos, a ter calma, a ser responsável e a ajudar os outros” (Joana, excerto retirado dos registos audiovisuais, 6 de junho de 2018)

“a autoestima é o que sentimos e pensamos sobre nós. É a capacidades de nos valorizarmos, respeitarmo-nos e gostar de nós próprios” (Judite, excerto retirado das apreciações escritas no final das sessões, 9 de março de 2018)

“A empatia é a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro e percebermos o que eles sentem.” (Camila, excerto retirado das apreciações no final das sessões, 4 de maio de 2018)

“A escuta ativa é quando ouvimos com o coração. Saber ouvir, falar e respeitar uns aos outros.” (Judite, excerto retirado da árvore das aprendizagens, 22 de junho de 2018)

“Gostei da sessão porque mais uma vez aprendi palavras novas e muito mais, isto é, a comunicação que é a forma de transmitir conhecimentos/mensagens” (Paula, excerto retirado das apreciações no final das sessões, 9 de julho de 2018)

“Aprendi que na vida em vez de desvalorizarmos um obstáculo da nossa vida, devemos saber aproveitar e usá-lo a nosso favor, aprendi que a autoestima pode parecer que não, mas é muito importante para nós como cidadãos! Aprendi que tenho que aprender a valorizar-me mais e a aprender a ver também as minhas qualidades! Aprendi que não se deve nunca baixar a cabeça” (Dulce, excerto retirado das apreciações no final das sessões, 27 de fevereiro de 2018)

“Gostei muito do treino, hoje foi muito divertido” (Camila, excerto retirado do diário de bordo, 20 de dezembro 2017)

“Gostei do treino hoje, só não gostei de ficar na posição 0.”
(Ana, excerto retirado do diário de bordo, 21 de março de 2018)

“Adorei tudo hoje, a sessão, o treino. Foi muito cansativo, mas valeu a pena.” (Lara, excerto retirado do diário de bordo, 9 de julho de 2018).

Redução do insucesso escolar

Ao longo da intervenção, uma das grandes inquietações incidiu sobre o contexto escolar, nomeadamente sobre a promoção do sucesso escolar. Este grupo específico detinha um conjunto de características pessoais e alguns indicadores que propiciavam o insucesso escolar. No entanto, foi necessário desenvolver uma estratégia que proporcionasse dissipar o mesmo, distendendo o papel da mediadora à prática desportiva (motivação intrínseca das intervenientes), aumentando a responsabilização e o compromisso das intervenientes no processo de empoderamento pessoal e social.

Esta estratégia assumiu uma força propulsora e incentivadora da mudança comportamental e atitudinal das intervenientes, sendo que estas se foram transformando, replicando e disseminando comportamentos e atitudes para outras esferas da vida de cada uma, o que foi contribuindo, paralelamente, para a sua inclusão social e sucesso escolar.

Num grupo de onze intervenientes, nove transitaram de ano, apenas duas ficaram retidas. Importa salientar que, das nove intervenientes que transitaram de ano, seis receberam prémios de mérito escolar atribuído pelo Projeto E.6G. Este prémio é atribuído anualmente pelo projeto a um número restrito de crianças e jovens, tendo por base um critério de seleção previamente delineado.

Outro aspeto importante a sublinhar, diz respeito às duas retenções ocorridas, uma vez que as mesmas ocorreram primordialmente devido a questões culturais inerentes à situação de doença vivenciada por um familiar e conseqüente internamento do mesmo. Devido ao valor que atribuem à doença e ausência de um familiar próximo, dentro delas próprias e da própria comunidade, as jovens começaram a faltar com alguma frequência à escola com o intuito de ajudar os pais neste processo, deixando assim de frequentar a escola para cuidar do irmão mais novo, de forma a que os pais pudessem acompanhar e apoiar o familiar que se encontrava hospitalizado. Esta é a forma de demonstrar que o mesmo não se encontrava sozinho e, ao mesmo tempo, como forma de o proteger em relação

ao “outro”, em situação de fragilidade. Este tipo de comportamento é característico da cultura da comunidade cigana, sendo por isso difícil de contornar; estas linhas condicionadoras da intervenção, foram, simultaneamente, desafiadoras de estratégias alternativas.

Os comentários seguintes constituem evidências do contributo da intervenção para potenciar o sucesso escolar:

“teve um impacto bastante elevado, quer nas perspetivas pessoais das miúdas quer também na perspetiva escolar. A verdade é que todas elas diminuíram o nível de faltas, melhoraram as notas, tornaram-se presenças mais regulares no espaço, conseguiram também perceber que a participação delas e uma participação ativa terá sempre algo de positivo para elas...tornaram-se miúdas mais responsáveis, desenvolveram a capacidade de nos auxiliar em bastantes tarefas aqui do projeto” (Monitora do Projeto E.6G, excerto retirado da entrevista, 11 de junho de 2018)

“...em relação ao impacto que foi tendo e falando também com a equipa e com aquilo que foram também os comportamentos observáveis e foi relatado, inclusivamente em relação aquilo que foi o envolvimento também delas na escola, com outros grupos, a melhoria em alguns aspetos das notas, a noção que já conseguiam alcançar algumas coisas que se calhar antes pensavam que não conseguiriam...” (Coordenadora da Juventude da ONG, excerto retirado da entrevista, 24 de julho de 2018);

“...estou muito feliz Rita, foi a primeira vez que eu recebi este prémio (...) é um sentimento tão bom (...) todo o meu esforço e empenho estão aqui (...) sinto-me valorizada” (Daniela, excerto retirado dos registos audiovisuais, 11 de junho de 2018).

Conclusões

Os resultados apresentados revelam que o impacto da estratégia implementada foi extremamente positivo e sentido ao longo de toda a intervenção pelas participantes no processo, facto bastante reforçado e evidenciado pelos intervenientes indiretos, profissionais e outros agentes que interagem com as jovens.

A partir da implementação das duas ações principais, as intervenientes assumiram um papel ativo, participativo, empreendedor e determinante em todo o processo de desenvolvimento, onde foram capazes de (re)construir e (re)interpretar significados a partir dos aspetos que mais valorizavam na sua vida, nomeadamente a

prática desportiva, permitindo através da própria experiência fazer uma reflexão sobre a mesma. Neste caso específico, os objetivos das duas ações planeadas e implementadas era mais do que aprenderem e serem felizes, era possibilitar um conjunto de experiências e vivências práticas e educativas ao nível pessoal e social significativas que possibilitassem uma mudança comportamental e atitudinal.

Pode-se considerar que a estratégia implementada evidenciou a idoneidade de repostas positivas às diversas necessidades auscultadas, demonstrando que é possível promover o empoderamento pessoal e social, desenvolvendo práticas potenciadoras de inclusão social e, paralelamente, potenciadoras do sucesso escolar.

Referências

- Alarcão, I. (Ed.). (1996). *Formação reflexiva de professores – estratégias de supervisão*. Porto Editora.
- Bonafé-Schmitt, J.-P. (2009). Mediação, conciliação, arbitragem: técnicas ou um novo modelo de regulação social? In A. M. Silva & M. A. Moreira (Eds.), *Formação e mediação sócio-educativa. Perspectivas teóricas e práticas* (pp. 15-40). Areal Editores
- Freire, I. (2009). Mediação e formação: em busca de novas profissionalidades e de novos perfis profissionais. In A. M. Silva & M. A. Moreira (Eds.), *Formação e mediação sócio-educativa. Perspectivas teóricas e práticas* (pp. 41-46). Areal Editores.
- Giménez, C. R. (1997). La naturaleza de la mediación intercultural. *Revista Migraciones*, 2, 125-159.
- Guillaume-Hofnung, M. (1995). *La médiation*. PUF.
- Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol de 7 – um jogo de iniciação ao futebol de onze*. Edição do autor.
- Quivy, R. & Van Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Ribeiro, A. R. L. (2021). *A mediação como agente de mudança e de inclusão social em contexto multicultural* [Tese de Mestrado, Universidade do Minho]. Em publicação.
- Silva, A. M. C. (2018). O que é mediação? Da conceptualização aos desafios sociais e educativos. In M. A. Flores, A. M. C. Silva & S. Fernandes (Eds.), *Contexto de mediação e de desenvolvimento profissional* (pp. 17-34). De Facto Editores.
- Silva, A. M. (2012). Education, citizenship and mediation. *Citizenship Social and Economics Education*, 11(2), 2-10. <https://doi.org/10.2304/csee.2012.11.1.2>
- Silva, A. M. C., Caetano, A. P., Freire, I., Moreira, M. A., Freire, T. & Ferreira, A. S. (2010). Novos atores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos. *Revista Portuguesa de Educação*, 23, 119-151.
- Torremorell, M. C. B. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto Editora.

Financiamento

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020.